

PRAGA¹

Coelho Neto

Ao Dr. Martim Francisco

I

[9]² Estava a expirar o adusto dezembro.

O sol ardia desde outubro com o furor inclemente de um castigo, secando as fontes, mirrando os extensos campos tristes onde o gado mugia, extenuado e magro, levantando para o céu fulvo os grandes olhos mansos e resignados. Ventos áridos abrasavam como o hálito da natureza em febre. Pairava um cheiro forte e acre de queimadas e os dias, tácitos e longos, de esplendor vivíssimo, pela hora média velavam-se de uma névoa fina como a evaporação trêmula de um fogo. A alma canora e meiga das florestas desertara acossada pelo flagelo ardente e era tão extraordinário o aparecimento de pássaros durante os ríspidos calores que o chilro duma camaxirra ou chalrado de jandaia eram tomados alegremente como presságios felizes.

[10] O terror alarmara os sertanejos supersticiosos. Era tal o desânimo que todas as almas desesperadas, num mesmo ímpeto de fé, voltaram-se para Deus com tamanho ardor que, mesmo dos campos, à luz cáustica, dentre o rumor bucólico dos rebanhos, subiam coros religiosos dos vaqueiros; e nas fontes, onde subsistia um pouco de verdura, velhas negras escravas emborcavam os púcaros e, caladas, contemplativas, esquecidas do tempo, ficavam olhando o lento e escasso esfiar d'água, atolando os pés na areia encharcada, onde cães morrinhentos ofegavam estirados, farejando, com volúpia, o frescor da umidade.

Canoeiros, descendo e subindo o rio, cantavam saudações ao propício ano novo, singrando ao sabor da brisa sertaneja, leve, impregnada do cheiro quente do rastolho. Em todos os cantos havia a mesma prece ao Senhor para que o ano que vinha fosse melhor que o velho, que entristecera tanto lar e banhara de lágrimas o rosto a muita criatura vitimada no afeto pela peste que flagelara o sertão verde e virgem, sempre sadio e viçoso, tão desbravado entretanto nesse bissexto expirante.

Lugares deliciosos, sítios de amena e apetecida sombra, preferidos de todos para as preguiçosas sestas do meio-dia, nem o gado procurava: murchos, pecos, arrasados pelas soalheiras, não mais floriam – tinham sido tomados pelos mortos que ali iam dormir o último sono

¹ NETO, Coelho. Praga. In. _____. *Sertão*. Porto: Lello & Irmão, s.d. [1897]. pp. 9-61.

² Os números entre colchetes referem-se aos números das páginas dos livros.

e, em vez das madressilvas e das rosas silvestres, ramos de flores bravas mirravam na solidão engrinaldando funebremente os cepos das cruces, em cujos braços secos, à tarde, ao luzir das primeiras estrelas, rolas quérulas choravam.

[11] Velhas senzalas ermas, escancaradas ao tempo, apodreciam sem que ninguém as procurasse, a não ser o cão familiar que errava entresilhado, ganindo a sua tristeza e a sua lepra, saudoso e faminto, farejando os caminhos dantes trilhados pelo dono e recolhendo, à noite, as cinzas frias do borralho doméstico. E continuamente, num dobre fúnebre, o sino de Santa Eulália espalhava pelo fundo sertão os seus soluços de bronze.

Ao crepúsculo evolava-se do sítio um cheiro místico de incenso e de mirra e subia de todos os tetos, como de turíbulos, a espiral azulada das defumações que se faziam para enxotar a peste, enquanto as velhas devotas desfiavam rosários correndo a casa, trêmulas, ao ciciar das rezas, varrendo os cantos com a vassourinha benta ou com feixes de palmas das que alastraram o caminho de Jerusalém quando o burrico paciente que Jesus cavalgava trotou nas pedras da cidade dos lírios.

Longe, no fundo violáceo do horizonte de serras, roncavam, merencórias e lúgubres, as guaribas soturnas e, de espaço a espaço, da solidão calma dos vales, em ondulação de gemido, magoada e enternecida, vinha a toada da cantiga dos tropeiros que desciam, rumo à cidade, tangendo a cavalhada.

E as noites, de impassibilidade morna, caíam sobre os campos ameaçando com as estrelas o amanhã calamitoso e flamíneo.

Se alguém adoecia – como a esperança fugira de todas as almas – os parentes reuniam-se em conselho e, enquanto o enfermo agonizava, com os olhos abrasados de febre, fitos no registro do crucificado, pendente do muro, entre rosas murchas, [12] discutia-se o lugar do enterro, lembravam-se paragens à margem molhada e sempre em sombra da fonte da Saudade ou o alto de uma colina guardada por um ingazeiro que ele tanto procurava quando era de levar ovelhas ou para pensar, afastado e só, entre as ervas de bom cheiro que florescem pelo Natal. E antes que expirasse já a sua alma estava encomendada à clemência de Deus e, para envolver-lhe o corpo, a mais carinhosa das mulheres perfumara um lençol de linho com alecrim do campo e favas de baunilha.

Nas culturas mortas amarelecia ao tempo a palha dos milhos secos e era muito ver-se reluzir ao sol a foice de um cativo roçando o mato, de onde fugiam aos galões, tontas e espavoridas, cotias tímidas. O verde e tenro arroz novo morria nos tremedais ressequidos e os

papagaios chalravam famintamente nas ramadas dos ipês folhudos, pontilhados vistosamente de pequeninas flores de ouro.

Campeiros, por mais ousados que fossem, temendo o sol negavam-se a pastorear, protestando todos com a mesma frase sinistra feita à morte: “*A bicha anda danada por aí...*”

Lento e lento, uns após outros, foram desertando todos os camaradas, de sorte que o gado, acostumando a pastar nas campinas, mugia e balava esquecido no espaço estreito do velho cercado, mordendo o capim que lhe jogavam aos feixes, ruminando brotos raquíticos nascidos na terra fossada pelos bácoros, empastada de lama onde zumbiam moscas.

Às vezes, nas balsas que desciam o rio, impelidas a varejão por cinco ou seis negros reluzes, de **[13]** tanga apenas passada à cinta, levantava-se um brado gemebundo e, quem olhasse, veria todos os braços fortes alçados para o céu, alguns erguendo os varejões à maneira de lanças, os olhos altos, as bocas escancaradas, vozeirado o mesmo grito: “Valha-nos Deus!” que era um clamor de piedade por um companheiro que agonizava, estirado nos paus da balsa, o peito exposto à luz, zurzido de moscas, gemendo enquanto as *ciganas* grasnavam nas margens olhando os camalotes de aningas que desciam ao sabor d’água e as garças finas, alvas, esguias, passavam no ar, em fila.

O sol ardia flamejante, cor de ouro, no céu fulgido.

De tempos a tempos, pelo meio-dia, vinha das bandas das serras um rumor surdo, um ronco longínquo de trovão. Amontoavam-se nuvens plúmbeas, outras brancas, muito claras, resplandeciam; caía um silêncio tórpido, pesado, a calma envolvia tudo; os ruídos aumentavam de vibração – retumbava.

De repente larga sombra varria a terra; escurecia. O céu tingia-se de negror, amontoavam-se rolos de nuvens túmidas, sentia-se como que um oceano suspenso – era a chuva que vinha. Mas, para a tardinha, um vento de fogo espanava o paço e, rubra, enorme, silenciosa, a lua nascia, da cor do sol, e ia subindo, sinistra e sanguínea, empalidecendo, diminuindo aos poucos. As preces continuavam e, pela noite alta, uma velhinha santa saía à varanda da casa que os *senhores* haviam abandonado, fugindo à epidemia, e, de instante a instante, clamava no silêncio badalando uma campana:

[14] – Misericórdia, meu Deus!

E, em toda a redondeza, um coro repetia profunda, misteriosamente: “Misericórdia!”.

Abriam-se as casas, jatos de luz alastravam a terra, e, de novo, lenta e vibrante, a campana tinia.

Toda a gente de Santa Eulália, ao místico reclamo, corria ao terreiro claro, enluarado, onde o vulto da velha, negro e hirto, numa imobilidade de estátua, esperava como uma iniciada em êxtase. Vinham à frente as mulheres, a pequenos passos, humildes, como um bando fraco de vítimas seguindo para o sacrifício – caminhavam balbuciando, algumas com os filhos ao colo ou escarranchados ao flanco. Velhas fanáticas bradavam, parando de instante a instante para gemer súplicas, batendo pancadas brutais nos peitos magros. Homens, em grupo cerrado, seguiam atraídos, a cabeça baixa, calados e taciturnos.

Junto da velha profetisa paravam fazendo círculo e ajoelhavam-se. Todos os braços agitavam-se num mesmo movimento, vozes soturnas resmoneavam acompanhando a unção do “Pelo sinal” – depois caía um silêncio trágico, quebrado abruptamente pela voz enfática e oracular da velha tirando a reza, até que, em reboante e formidável coro, todas as vozes cantavam alto na quietação do luar para que a prece fosse além dos astros, muito além, até Deus, o dominador das pestes, o benfeitor dos mundos.

Um vento forte curvava os ramos; repetia-se o coro no murmulho das árvores. Não longe cães errantes uivavam.

[15] A retirada fazia-se lenta e gravemente, como em cenário.

Súbito, todas as luzes desapareciam e, isolada, mais fúnebre, a campana, pela última vez, tinia.

Corria sussurro surdo: era como a passagem macabra da Peste.

II

[16] Raimundo, o cafuzo, o mais audaz de todos os vaqueiros, foi atacado do mal.

Certa manhã, na ocasião de saltar para o lombilho, sentiu as pernas fracas, a vista turva, quase extinta, náuseas e uma dor aguda no ventre. Como era forte e temerário, manteve-se de pé, apoiado à anca do cavalo, esperando que lhe passasse a tonteira, mas, subitamente, uma golfada amarga subiu-lhe à garganta, fecharam-se-lhe as pálpebras pesadamente, um tremor agitou-o e, desfalecendo, sacudido por um arrepio de febre, rolou na terra torcido, ansiado, escabujando como epilético. Ninguém o acompanhava, apenas o gado em magotes que, ansioso pela marcha através dos campos orvalhados, ia e vinha estirando o pescoço por cima da tronqueira com mugidos altos e prolongados.

[17] Ao pino do sol, uma pequena guardadora de aves, aproximando-se do cercado, parou atraída pelo espetáculo bárbaro do amor brutal dos touros. Disputando a posse das novilhas

tenras, os fortes marroás incendiados, lascivos, firmes nas patas dianteiras, os jarretes retesos, a grande cabeça baixa, escarvando a terra, berravam desafiando-se. Os outros bois, parados, contemplavam.

A ímpeto os rivais levantavam os olhos fulvos, miravam-se, com um longo olhar faiscante e recuavam, recuavam, até que, quase tocando os paus da cerca, partiam um contra o outro, devagar a princípio, lentos, traiçoeiros, mugindo baixo, a língua, rubra e seca, pendente e flácida. Estacavam, mas, em brusco e avanço, arremetiam – as frentes chocavam-se e as aspás tratavam-se, ficando os dois presos, resistindo, arrancando num esforço formidável e teimoso de brutos. Cansados recuavam no círculo atento dos companheiros e de longe, com outro berro, desafiando-se de novo, investiam recomeçando a luta. As vacas assistiam impassíveis e, de vez em quando, no silêncio, bimbilhava a choca de uma *madrinha* como sinal de guerra.

A pequena olhava distraída, atenta, mas de repente rompeu a rir ingenuamente, vendo passar perto da cerca, aos trancos, um casal amoroso – os dois formando um só na justaposição sensual e fecunda, um só animal bicéfalo, hediondo. Seguindo-os com o olhar, foi que ela viu por terra, estendido como morto, o vaqueiro Raimundo.

A sua primeira ideia foi saltar a porteira para certificar-se, mas teve medo. Partiu a correr, levando à casa notícia da descoberta que fizera.

[18] Vieram homens do engenho com a maca de taquara que servia no sítio e recolheram o vaqueiro.

A curiosidade fizera chegar um grupo à tronqueira, mas no momento em que levantavam o moribundo para transportá-lo à cabana, no alto da colina, toda a gente recuou, cuspiendo de nojo, esconjurando a peste malfazeja.

E logo espalhou-se a notícia e em todas as casas, mesmo no terreiro, acenderam-se fogos e ardeu fumando o alecrim bendito.

– Deus tenha tua alma! balbuciavam religiosamente os que viam subir o grupo.

Da margem do rio, as lavadeiras estendiam os braços reluzentes d'água na direção da colina, e no ar, ao sol, faziam uma grande cruz dizendo para o empestado, longe demais para ouvi-las:

– Deus te dê o céu, meu filho!

Ao cair da noite o enfermo despertou: sentiu a cabeça em fogo, a língua áspera e pastosa e, de vez em vez, violentas picadas nas têmporas. Sem memória, a princípio, foi recompondo a custo todo incidente do dia até a hora em que rolou por terra, entre o gado, golfando bílis, repuxado de ânsias. No dia seguinte, de manhã, o médico do lugar subiu a examiná-lo. De pé, à

distância do catre, interrogou-o e, antes que ele concluísse a exposição, tomou duma carteirinha uma folha de papel e, a lápis, rabiscou a fórmula, retirando-se sem declarar a moléstia, apesar das reiteradas perguntas de Raimundo que o seguia com o olhar apavorado.

Fora, a alguém, disse desanimadamente:

– É a cólera!

[19] Horas depois trouxeram-lhe uma poção que ele engoliu com engulhos, caindo pesadamente sobre os panos, contraindo o rosto, cuspindo grosso, enjoado.

À noite sentia-se melhor. Animava-o uma esperança de vida. Dormira sem ânsias, sem sonhos, mas acordara em sobressalto, com uma dor fina no ventre como se lhe houvessem enterrado uma agulha pelo umbigo a dentro.

Era tarde: mais de meia-noite.

Dos rumores do campo tinham ficado apenas o fresco ramalhar das árvores e o ronco perene das corredeiras que rolavam as águas pesadas por entre os penhascos escuros onde, pela manhãzinha e à tarde nos pontos emergentes, apareciam negros de cana em punho, a linha a prumo n'água, firmes e pacientes, esperando o repelão do peixe temerário. Um cão ladrava longe e, de instante a instante, o mugido melancólico de uma vaca reboava soturno e longo como o som rouco de uma buzina bárbara.

Raimundo entreabriu as pálpebras pesadas e quentes de febre, correu o olhar abrasado pelo quarto de reboco, pobre, iluminado por uma vela de carnaúba espertada no gargalo de uma garrafa e, calcando o peito com a mão larga e bruta, a boca escancelada, chupou um hausto aflito, agitando a cabeça negra, revolvendo os olhos brilhantes, na agonia abafada dos dispneicos. Depois caiu em abatimento e atônito, estendeu os braços ao longo do corpo e ficou imóvel, em aparente tranquilidade, sobre o jirau soerguido do solo por quatro espeques toscos e assim ficou a ouvir o rumor **[20]** noturno, compondo toda a paisagem exterior que seus olhos não viam.

Dos alagadiços, em plangência lúgubre de reza, levantava-se o coro trêmulo das gias, por vezes cortado pelo coaxo ríspido e vibrante de um sapo retininte, de goela blindada, tão metálico era o grito que lançava do pântano verde e podre, coalhado de ervas.

Brusca, abruptamente, vencendo os murmúrios e os rumorejos, vieram aos ouvidos do enfermo, em tom gemente ora mais graves, como se as vozes fossem ensurdecendo, ora vivas, desesperadas, em grita clamorosa, as doces palavras da ladainha. Ele ouvia-as uma a uma, acompanhava-as, repetia-as mentalmente, com fé, e o cântico espalhava-se merencório, pela noite, ora indistinto e vago, ora em toda a pujança do coro enchendo o campo, indo pela mata,

atravessando o rio, nas espiritualidades do som, visitando todos os sítios e todos os enfermos como uma grande bênção geral santificando a natureza e as almas.

Raimundo soergueu-se no catre e, comovido, contrito, de mãos postas, a cabeça inclinada ao peito, pôs-se a dizer baixinho, acompanhando a ladainha noturna, o *Ave*, erguendo a voz, como se a Virgem não a ouvisse, quando a vaca solitária soltava o seu gemido de mãe ansiosa a quem haviam roubado o filho para que lhe não esvaziasse as tetas.

Morrendo a oração, voltando o silêncio, Raimundo mergulhou sob as cobertas deixando um braço nu para tomar a bilha d'água, posta no chão, ao lado da cama. Encostou-se ao rolo de esteiras [21] que lhe servia de travesseiro e bebeu avidamente, a goles sôfregos e grugulejantes, com a cabeça caída, o pescoço rijo, teso, os olhos em branco; depois acendeu o cachimbo e, maquinalmente, sem gosto, bafou a primeira fumarada.

III

[22] Ia já para duas semanas que ele ali estava estirado, imóvel, a tiritar de frio, ardendo em febre, numa intermitência constante, bebendo caldos magros, nutrindo-se de carne do vento e um bolo de arroz cozido em água e sal. Permitiam-lhe, como extravagância, o fumo e o seu consolo, quando se via só, nos insípidos meio-dias ensolados, à hora em que as rolas se refugiavam no sapê, gemendo baixinho, era soprar cachimbadas para um quadro de assunto patriótico pregado na taipa representando o imperador em Uruguaiana, fardado, calmo e firme entre generais, a olhar sereno a culatra de um canhão que voava em estilhaços numa onda de fumo onde morriam soldados.

Às vezes cantava sentido virem-lhe à alma saudades antigas e a sua voz, grave e flébil, ia aos [23] poucos desfalecendo e acabava em hausto – era a dispneia que o sufocava, obrigando-o a recurvas de tronco e a invocações gemidas do nome de Jesus. Vinham vê-lo duas vezes ao dia – de manhã, um pequeno lhe trazia o caldo numa marmita e o fumo picado dentro de uma cumbuca, à tarde, a velha Ursula, cabrocha caduca e feiticeira que entrava resmoneando seguida de um cão leproso. Abria a lata, deixava os nacos de carne num prato de folha, ia à fonte encher o pote enquanto o cão, a olhar Raimundo, raspava o ventre com a pata, ganindo baixo, frenético.

Raimundo odiava Ursula como todos os mais negros. Corriam versões trágicas sobre ela. Todo o sertão estava cheio do seu nome e mais da sua alcunha sinistra: a *Caapora*, talvez porque costumava vagar à noite, mais o cão, através dos campos adormecidos, com o catimbau na boca sem dentes, como o gênio da lenda indígena.

A sua oca, quase uma furna, cavada na barreira, à margem do rio, era o terror de todos. À noite ninguém se aventurava a descer a rampa com receio de encontrar a bruxa! Os que a viam passar, ao sol, cabeça nua, descalça, remoendo as maxilas como um ruminante, com as carnes ressequidas apontando pelos rasgões da saia, apoiada a um pau, parada, de vez em vez, para olhar o céu, sorrindo, de mãos postas, a balbuciar palavras misteriosas para o alto, recusavam esconjurando-a. Os pequenos, detrás dos moirões, jogavam-lhe pedras.

O cão, um velho podengo magro, entanguido, sem pelo, a cauda cortada rente, seguia-a pela sombra rosnando a todos com ódio. Afirmavam [24] que, pelas noites escuras, à hora satânica do curupira, Ursula tomava o caminho do *Areal*, campo árido onde se enterrava, para profanar as covas, roubando os ossos das crianças mortas sem batismo. Guardava-os e, na hora e no dia da noite cabalística de Agosto, quando os ventos de S. Bartolomeu varrem serras e vales, queimava-os para fazer com as cinzas brancas o segredo terrível dos seus filtros. Havia quem jurasse que o cão pelado que a seguia sempre era o diabo. Era ele quem lhe ensinava toda a sinistra magia, velando com ela, até a hora do canto do galo quando se recolhiam aos mesmos panos, juntos, como dois amantes, tanto que, pela madrugada, uivos ferozes acordavam o silêncio como o alarma sensual do conúbio macabro.

Ursula vivia defendida pela lenda, e apesar do horror que inspirava, tropeiros compassivos atiravam-lhe esmolas.

Raimundo tinha-lhe asco e medo. Em outra ocasião teria trancado a sua porta para que a bruxa nem lhe visse o quarto, mas só e enfermo, abandonado de todos, sem o conforto de uma amizade, sentia-se mais animado quando ela aparecia. E dirigia-lhe a palavra com carinho, instava com ela para que ficasse, agradecendo-lhe muito o trabalho que com ele tinha, por humanidade, de boa que era, e queixava-se dos outros que, sem coragem de afrontar a moléstia, recorreram à maldita para que se encarregasse dele.

E chamava-a: queria-a ali, junto do catre, a contar-lhe o que ia lá por baixo: – se a peste abrandara, quem morrera na véspera, por que o sino [25] dobrara todo dia; se um grito que ouvira alta noite fora de algum negro castigado pelo feitor Cabinda.

Ursula, porém, não dava resposta: ia por diante a resmungar uma espécie de canto monótono, em língua d'África, dando voltas no quarto, passeando um fogareiro de barro onde ardia alfazema, os olhos baixos, as mamas flácidas, bambas, dependuradas, fazendo chocalhar um colar de búzios que lhe cercava o pescoço engelhado. Depois erguia-se mascando com as gengivas sem dentes, cuspiam para os cantos a pasta negra do fumo, puxava a camisa, guardava as pelancas dos peitos e, com um grunhido, chamava o cão e partia resmungando o seu canto banzeiro, sem

voltar os olhos, batendo com a porta. Enfiava depois o braço magro por um buraco aberto na taipa para dar volta à taramela interna.

Raimundo sentava-se, tomava o prato ao colo, sobre as cobertas e com os dedos esfiava a carne que ia comendo enjoado, a ouvir o arrulho jururu dos pombos no sapê e os gritos do bem-te-vi cortando vibrantemente o chio vespéral das cigarras. E sem ver, compreendia que era a noite que vinha e, mal o sino dobrava no silêncio da tarde, benzia-se, fazia luz no quarto e mergulhava debaixo das cobertas molemente, pensando, com terror, na insônia apavorante.

IV

[26] Estirado, imóvel, com os braços por baixo da cabeça, Raimundo não desviava os olhos de uma frincha aberta no sapê, através da qual via reluzir tremulamente, no céu alto e profundo, perdida na treva noturna, uma grande estrela clara. Longe de todo o pensamento, na inércia flácida da modorra, ia adormecendo quando lhe pareceu ouvir, destacando-se dos vagos rumores de fora, familiares aos seus ouvidos, a voz meiga e suave de alguém que cantava, enchendo de alegria a noite com o quebranto lânguido de uma lírica de campo. Aprumou a cabeça, conteve a respiração e ouviu bem, numa vocalização clara, estes versos de queixa e de melancolia:

Quem sentir n'alma a ferida
Aberta pela saudade,
Não conte ter mais na vida
Descanso e tranquilidade.

[27] Com a boca entreaberta, os olhos fitos no teto, ouvia os sons da cantiga num ritmo preguiçoso e doce, repassada de uma prolongada tristeza para o fim, ao cair da última palavra.

Depois foi um suspiro de desafoço, num ai! cansado, solto em ofego e, quase ao mesmo tempo, a porta tremeu, sacudida; tremeram as roupas dependuradas dos muros, a taramela rangeu e assomou no limiar uma mulatinha trêfega e risonha, garganteando as notas do estribilho.

Raimundo voltou-se, cerrou as pálpebras e, com a mão à altura dos olhos, em para-luz, espiou e pela porta entreaberta viu rapidamente, como em fuga, o céu sereno, recamado de estrelas, a lua claríssima e tufos balouçantes de árvores escorrendo brancuras lúcidas. Mas a porta bateu empurrada pelos braços carnudos da mulata, que ficou a dois passos do catre tirando com vagar uma toalha da cabeça, que preservava os seus cabelos de azeviche do sereno da noite e,

lânguida, fitou o enfermo com um olhar morno e voluptuoso, sorrindo, com duas covinhas nas faces.

– Que está olhando? Não me conhece? Parece que nunca me viu! E de improviso: Está melhor?

Raimundo meneou com a cabeça tristemente, sem apartar os olhos da rapariga.

– Se você não come, Mundico...

Com esforço o enfermo ergueu-se sobre os cotovelos e recostou-se ao palhegal que lhe servia de travesseiro, atulhou o cachimbo, acendeu-o, perguntando por entre bafos de fumo:

– Que há de novo?

[28] – Que há? Que há de haver: peste. Ainda hoje a Toma enterrou o filho. Ficou como doida, coitada! O pequeno morreu nos seus braços; e sentenciou: E dizem que pega. Sentou-se em um mocho e, desabotoando o corpinho de cassa, continuou: Tio Cândido também lá foi.

– Das febres?

– Não sei. Morreu trabalhando. Foram achar ele entre as taquaras das suas gaiolas, caindo de bruços, com a cabeça enterrada no chão. Venâncio diz que foi de velhice.

Raimundo guardou silêncio, voltou a contemplar a estrela, mas de repente, batendo com o cachimbo à beira de um caixote, perguntou:

– Era você que vinha cantando?

– Então? Era eu, sim.

E, inclinando-se, abriu um baú de couro e foi amontoando roupa branca sobre um velho pano de algodão, cantarolando sempre à claridade lívida da vela.

– Pra que é isso, Lucinda?

– Vou mudar de camisa.

Raimundo franziu o sobrolho, ferido pelo ciúme. Perguntou desconfiado:

– Pra que?

– Pra que!? retrucou asperamente a rapariga desembrulhando as peças com mau modo: Pra que!? Então hei de me deitar assim, com a roupa suada? E de pé, despindo estabanadamente o corpinho, tomando a camisa pelo crivo do cabeção, sacudiu-a, tufou-a, mostrando as nódoas: Olha só. Nem parece roupa de gente. É gordura só.

O morim, recaindo no colo, ficou alto **[29]** acusando o contorno rijo dos peitos, com um remate mais saliente dos bicos, descendo em linha curva em constante e turgido ondular macio. Um cheiro forte de erva silvestre desprendia-se das roupas e a sombra da mulata, quebrando-se no ângulo do muro, corria em oblíqua pelo teto e, obscurecendo uma parte do quarto, bailava

com o frêmito incessante da língua acesa da vela que espirrava de momento a momento, espichando-se em morrão negro e fuliginoso.

– Vira a cara, Mundico. Deixa eu mudar a camisa.

– Ora! fez o enfermo enjoadamente.

– Vira a cara!... tornou a rapariga choramingando, dengosa.

– Deixa de luxo! rugiu furioso dando um murro no catre. Parece que nunca te vi nua. Um diabo que se despe à vista de todo o mundo.

– Malcriado! rosnou Lucinda, e meteu-se para um canto. Curvando o busto safou a camisa suja, prendeu-a nos sovacos para esconder os peitos, com o queixo enterrado no colo, uma ponta de crivo nos dentinhos, estendendo os roliços braços nus para abrir a camisa lavada, de onde caíam pequeninas folhas secas e passou-a rapidamente pela cabeça, enfiou os braços, deixando escorregar a camisa suja ao longo do corpo, sacudiu-se e, alisando os cabelos, recomeçou a cantar:

Meus olhos não choram mais água
Do que qualquer riachão!
E não há seca que os seque
Porque não morre a aflição.

[30] Num arranco de despeito, Raimundo esbravejou:

– Cala a boca aí! ah! também! Tanta cantiga! Nem vendo a gente doente!

– Minha cantiga não mata ninguém.

– Ah! e voltou-se para a parede amuado.

Ela estacou de cólera mordendo os beiços, bambaleando o corpo; por fim, acalmando-se, chegou-se à luz com a saia, vestiu-a, alisou a camisa, fê-la correr corpo abaixo, pelo ventre, pelos quadris e, farejando os ombros rapidamente, voluptuosamente, com os lábios franzidos em bico, respirou forte balbuciando:

– Agora sim.

Completando o vestuário com um paletó de cambrinha com entremeios, alisou de novo os cabelos e, passando a toalha pela cabeça, disse alto, resolutamente:

– Até amanhã.

Raimundo voltou-se de repente e, encarando-a, perguntou:

– Onde ocê vai?

– Vou-me embora.

– Não! rugiu o vaqueiro, com os olhos como duas brasas: Que é que ocê vai fazer?

– Uai! Que é que vou fazer? Gentes... parece tolo. E naturalmente: Vou dormir, pois então?

– Antigamente, enquanto eu podia gastar, ocê dormia aqui, agora...

– Mau! Mau!

– É, sim: eu sei. E triste: Pois vai! Mas arrependido ao mesmo tempo, enterneceu-se [31]

ameigou-se: Vem cá, anda! E estendeu um braço para recebê-la.

Ela, porém, compondo a roupa, o rosto baixo, sorrindo, murmurou com um beicinho:

– Eu, não!

– Ora, Lucinda... implorava Raimundo abrasado, com a voz trêmula.

– Você está doido, Mundico? Quero lá sair daqui com a peçonha da peste. Deus me livre! E, de repente, dando uma volta: Até amanhã!

– Não! Vem cá!

– Que é?

– Vem cá! Escuta!

Lucinda sacudiu a cabeça negativamente. Raimundo fitou-a com um olhar cheio de ódio e disse:

– Já sei... Hoje é com Esaú. E, franzindo o beijo em comissuras de escárnio: Não tem vergonha... um negro de roça.

– Que Esaú! gritou violentamente a mulata como se um chicote a tivesse ferido. Já se viu um homem doido assim? Só porque vim mudar a camisa já está o diabo dizendo que vou dormir com outro. Pensa você que não tenho mais que fazer? Ora, meu amigo... E deu-lhe as costas. Se eu não tivesse o meu baú neste maldito quarto não punha os pés aqui. Não, que não hei de ser tola toda a vida. Amanhã acaba-se tudo, mando buscar o que é meu para não andar com feitores tomando conta do que faço. Quem me podia governar já Deus tem na sua glória. E apanhando o rolo de roupa que tinha aos pés, mostrou-o: Você queria que eu me deitasse com esta imundície no corpo? Não que, graças a Deus, aprendi a ser limpa. E [32] resmungando: Esaú... Esaú... Voltou-se num acesso de ira: O que você quer ser eu... mas isto... iche! e saltou um muxoxo escarninho. Diabo de homem! nem doente... Não faltava mais nada senão vir eu mesma buscar o mal por minhas mãos.

– Eu já estou bom...

– Muito! Está aí ardendo em febre.

– Mas que tem isso? desde que não pegue... A Toma não esteve com o Nazareth nos braços?

– Sim, mas era seu filho.

Houve um largo silêncio. Os olhos de Raimundo reluziam com o fulgor de chamas, seu largo peito ossudo arfava em ânsia constante, as narinas, sofregamente dilatadas, palpitavam.

– Um beijo só, Lucinda, e eu fico bom.

– Oh Senhor, que homem! Áspera e aborrecida, adiantou-se até o catre, entregou a face de um moreno fino e disse em balbucio: – Tá!

O negro, ardendo em luxúria como um fauno, ergueu-se a meio e com as mãos ambas travou-lhe de um pulso, puxou-a. Ela gritava: “que a estava machucando, que a deixasse, não fosse bruto, tivesse modos!” Ele não ouvia, procurava-lhe, sofregamente, a boca vermelha, ofegando, mas Lucinda, fugindo sempre, com o rosto voltado, de lábios cerrados, resistia até que, com empuxão mais forte, libertou-se, indo cair de encontro à parede, extenuada.

– Oh! você não tem juízo, Mundico? Isso até é maldade. Raimundo, flácido, sem energia, com os beiços juntos, implorava beijos. Lucinda, sacudindo a roupa, evitava-o:

[33] – Na boca, não!

– Você tem nojo de mim?

– Não é nojo, afirmou complacente. Tenho medo da moléstia. Na boca não, sim?

– Então não quero.

– Pois não queira. Que teima! Para eu pegar a peste!

– Vai-te embora!

– Vou mesmo. Dirigiu-se para a porta e, já com a mão na taramela, acenou, com faceirice, um adeus! Até amanhã.

O negro rosnou um desaforo.

– Come, porco! e saiu batendo com a porta: antes, porém, de fechá-la, falou para dentro: É melhor que você reze por mãe Dina que hoje faz um ano de morta.

E deu a volta à taramela.

Raimundo, furioso, atirou-lhe um impropério. Uma gargalhada reboou no silêncio e logo depois a voz meiga de Lucinda recomeçou a cantiga que foi, aos poucos, morrendo, até que nada mais se ouviu, interrompendo, de chofre, o novo silêncio, o mugido angustioso da vaca solitária.

Lembrou-se, então, do seu gado, a nutrida ponta de garrotes rijos, todos de fama, reviradores de matas, catingueiros sabidos. Eh! bichos... boiadazinha de fiança aquela! Quando era para tocar aquele tumulto, que de sustos na gente da redondeza e quanto arrojo da rapaziada

limpa. Aquilo é que era! Arranca daqui, bem estribado, investe dali, espera de frente, ferra, atropela, arriba e larga na carreira solta por matos e gargantas, sustenta o choque do bicho, com a vara fita à carranca e [34] toca! Eh! boi... e mete no bando e vira. Agora a toada, e lá vai no passo miúdo dentro do pó dourado, estrada fora, rompendo o caminho, com a alegria das frautas e o descante bravo da parceirada.

Voltou-se no catre e, enrugando a fronte, pensando, de novo, na mulata arisca, atirou um murro à parede esfarelado o adobe:

– Deixa-te estar, mocambeira... só se eu não me levantar desta cama. Não, que não sou poaia como o outro que você trazia mingado, chorando no rasto do teu vestido. Comigo ou é ou não é: no prato em que eu como ninguém bota a mão, isso nem que Deus mande. Nós havemos de ver.

Esticou-se no catre cruzando as pernas, com os braços por baixo da cabeça, imóvel. Ardiam-lhe os olhos – fechou em modorro, mas despertou subitamente sobressaltado com um pesadelo – ia rolando por um desfiladeiro de rochas escarpadas, ferindo-se nas arestas agudas das pedras, para um escuro e profundo abismo. Respirou ansiado e acalmava-se quando um berro o fez estremecer – era a vaca saudosa na caiçara da colina.

V

[35] Esse mugido lúgubre, isolado na tranquilidade do silêncio, impressionou-o, bem que ele soubesse de onde vinha e conhecesse, como ninguém, a *Fula*, que fora metida num cercado, longe dos bois e dos novilhos que ela varava a cornadas terríveis quando estava de cria e os apanhava ao alcance do seu chifre fino e reto, tão temido e celebrado que até entrava nas trovas dos campeiros da casa. Ele bem sabia que era a *Fula*, sozinha e triste, que mugia na prisão com saudade do bezerro, mas certo pressentimento, as últimas palavras de Lucinda: “É melhor que você reze por mãe Dina, que hoje faz um ano de morta...” encheram-no de apreensões, filhas de um terror secreto. Temia as sombras, o mesmo sarrido da sua respiração angusta fazia-lhe medo. Teve ímpetos de fugir, saltar do catre para [36] o monte, descer até a primeira senzala onde houvesse gente, vozes, rumor de vida enfim. E apesar de todos os esforços que fez para pôr cobro aos assaltos pávidos do medo, para desviar os pensamentos sinistros, pôs-se a recapitular fatos há muito passados, sucessivamente, continuamente, tendo de todos a visão exata, a impressão perfeita como se retrocedesse no tempo, voltando a viver a mesma vida extinta, não na ilusão dum sonho, mas com a intensa sensação da realidade visível.

Fechou os olhos, cobriu a cabeça, mas na sombra asfixiante e morna, surgiu primeiro Albina: numa rapariguinha de nove anos, magra, doentia, de olhos tristes e úmidos, rojada pelo seu braço forte à beira d'água, na areia, entre os cajueiros, a gemer, maculada de sangue, com as duas mãozinhas no ventre nu, exposto à lua, num abandono doloroso, depois de uma luta em defesa do seu pudor e da sua virgindade enferma, sem socorro, num ermo sombrio, enquanto ao longe os negros em samba, batucavam com estrupido rouco nos tímidos tambus.

Estremeceu, sacudiu as cobertas como para enxotar a visão e percorreu o quarto todo com um lance d'olhos, alucinado, febril, murmurando nervosamente: “Diabo! Diabo!”

Da zoadá do vento que vergava os ramos partiam silvos como se demônios aéreos andassem pelos tufões, aos rebolos, dançando a ronda gnômica da noite e no sapê do teto, para aumentar-lhe ainda mais o pavor, corriam e guinchavam timbus.

Um nome foi, aos poucos, subindo-lhe aos lábios e impôs-se com a violência das cheias escachoando [37] nas represas; ele resistia fugindo a pronunciá-lo, mas baldado foi o esforço – o nome saiu-lhe da boca, involuntário como um suspiro: “Mãe Dina!”

Torceu-se de ódio e esmurrou desesperadamente a parede em acesso de indignação contra o seu espírito fraco. Forçou a coragem, tentou chamar o ânimo, mas abateu no terror, vencido, inerte, cheio de recordações, qual delas mais trágica. Incoercível, latente, o nome fatal ralava-lhe a alma como o eco de uma maldição. Súbitos tremores sacudiam-no em arrepios e os olhos, muito abertos, anuviados de assombro, ardiam fosforejantes como as pupilas dos tigres.

A vela gasta tremia no gargalo da garrafa alimentada por um pouco de carnaúba que escorria em lágrima escura para o bojo e do bojo ao chão; a chama crepitava estertorando. A claridade oscilava com a intermitência de relâmpagos e de sombras; nos cantos a penumbra ia-se tornando carregada. As roupas, estendidas nas cordas, bailavam e as suas silhuetas, estampadas nos muros, tomavam formas extravagantes de espectros bizarros – uns de braços pendentes, caídos bambos para a terra como se fossem mergulhar em túmulos, outros agitando pernas em estrebuchamentos de morte; e o baú alargava uma grande mancha ferrugínea que vinha até o leito como a invasão da treva chegando aos poucos, lenta e traidora.

E “Mãe Dina! Mãe Dina!” sempre como um remorso.

Subitamente, enterrando o rosto nas esteiras, com os braços pela cabeça, o ventre na palha do leito, Raimundo, sem poder evitar a recapitulação [38] tenebrosa, viu distintamente todo o seu negro crime:

No arrozal verde gaio, junto de um pântano onde as gias moles, d'olhos esbugalhados, posavam o sol, entre as ervas floridas, a negra, sentada, com a sua colheita de inhame, a cabeça

nua, ao sol, fumava melancolicamente com os olhos perdidos no horizonte esbraseado que rematava aquela campina rasa, ponteados de toros adustos, de onde o vento levantava nuvens pardas de cinzas que restavam das queimadas de Agosto.

Errando ao acaso pela vizinhança do pasto onde os seus bois, abochornados pelo calor do meio-dia sufocante, ruminavam deitados num silêncio, e numa imobilidade de tela, Raimundo, que andava à cata de amores rondando os tejupás da roça, deu de frente com a velha.

– Bênção, Mãe Dina!

Levantando a cabeça enrolada em um pano de riscado, à maneira de trunfa, a negra cruzou no ar a bênção e cuspiu para um lado, resmoneou:

– Bênção de Deus!

Raimundo, de pé diante dela, interrogou-a sobre os seus negócios, perguntando com interesse pela criação e pela cultura da sua roça de milho. A velha desceu o olhar dizendo:

– Vai como Deus quer...

– Vosmecê com o que tem, mãe, podia viver descansada, se quisesse. Pagava a nossa liberdade e íamos trabalhar juntos num canto qualquer. Vosmecê sabe: não há trabalho que me faça medo. Com o que sei fazia uma casinha para nós dois e, em pouco tempo, podíamos ter com que passar os dias.

[39] A velha conservou-se imóvel.

– Tenho um conhecido que se ofereceu para tratar da minha liberdade. Falo com ele sobre vosmecê. Se vosmecê quiser...?

Dina, calma, sempre a fumar o seu *pito*, sacudiu a cabeça negativamente.

– Por que? Mas vosmecê não pensa em deixar esta sina de cativo?

– Nasci assim! disse com acento doloroso, erguendo os ombros.

– Mas olhe que a velhice está aí. Vosmecê já não pode com o cabo de uma enxada.

– Quem? exclamou com arrogância. Ainda não pedi a ninguém para fazer a minha tarefa.

– Mas não é melhor que a gente trabalhe para nós? Não é melhor ser livre?

– Ora! Há muito cativo no mundo de Deus...

– Se há é que nenhum pode fazer como vosmecê, se quisesse... Os outros não têm posses.

– E eu?... Que é que eu tenho? trapos.

– E dinheiro, concluiu o filho.

A negra abriu muito os olhos num pavor de usuraria e, franzindo a fronte, encarou Raimundo:

– Dinheiro! Ah! Eu tenho dinheiro. Pois sim... E serenamente: Melhor para mim. Se tenho é meu.

– E meu, que sou seu filho.

– Ahn! Meu filho!... Tu!? E sorriu com amargura. Meu filho por causa do dinheiro, mas para vir à roça comigo ao sol e à chuva você não é meu filho. Para cuidar de mim quando adoecer, para me trazer um caldo quando o mal me atira no fundo de uma cama, para me acompanhar quando [40] gemo só, sem alguém que me acuda, você não é meu filho. Para roubar... para roubar é que você é.

– Roubar, não, porque se eu quisesse já tinha feito.

– Isso sei eu. Nego da tua laia é capaz de tudo. Ainda não esqueci o murro que você me deu. Mas se há Deus no céu...

– Ora, aí vem vosmecê com os seus ditos. O melhor é decidir de uma vez. Quer ou não quer?

– O que, rapaz? Dar dinheiro? Não! Já disse.

Raimundo sofreu um movimento de cólera, trincou o beijo grosso e pôs-se a andar de um lado para outro como uma fera em jaula, furando a terra úmida com o ferrão do cajado. Dina, indiferente, ergueu-se e, de costas para o filho, começou a fazer molhos de inhame para carregá-los. Raimundo, que desconfiava que ela trazia sempre o dinheiro consigo, ficou a examiná-la, procurando descobrir o esconderijo da fortuna tão avidamente desejada, quando viu uma pequena bolsa que lhe pendia do pescoço presa por um cordel. Mirou-a muito com o olhar cúpido e, não podendo furtar-se à ânsia que o dominava, atirou-se à velha de chofre, num bote de tigre e, rápido, dando repetidos empuxões ao cordel, rebentou-o violentamente. A negra soltou um grito e, com uma volta brusca, agarrou-se às pernas do filho, mordendo com as gengivas, rosnando rouca e em fúria:

– Larga, ladrão! Larga, ladrão!

Raimundo debatia-se procurando libertar-se, com a bolsa sempre fechada na mão com medo de perdê-la: “Sai! Sai!” e sacudia-se na pressão nervosa dos dois braços maternos que o mantinham [41] inerte, como num tronco de ferro. Num impulso mais forte conseguiu safar uma perna, e alucinado, em ódio, atirou um pontapé que apanhou a negra em pleno peito arrancando-lhe um gemido cavo.

Ela ainda ergueu-se tonta, ele, porém, recuando, brandiu o ipê e vibrou uma bordoadada em cheio no cranco nu, porque a trunfa, que se desenrolara durante a luta, deixara-o descoberto.

O corpo abateu com estremecimentos. Num arranco, num impulso de visa, quase ajoelhou-se, mas vergou de novo até à borda do pântano e rolou mergulhando na água verde e turva onde as gias afundaram.

Raimundo deitou a correr aterrando, mas numa angústia suprema, voltou-se e quis ver. Borbulhas de sangue subiam à tona d'água, o corpo, meio em mergulho, meio em terra, inteiriçara-se, as pernas nuas, esqueléticas, tremiam na erva e um braço hirto, fugindo dentre as folhas aquáticas, agitava uma mão seca, espalmada, com os dedos apartados, a tremerem também, lançando ao ar mudo e à consciência do assassino uma sentença ou um perdão piedoso.

Não pôde olhar mais. Fugiu para junto dos bois e no verde campo, na paz singela e bucólica, quebrada pelo vagaroso e surdo mugir de algum touro, examinou o seu roubo – era um escapulário, continha rezas. De raiva, então, ou com remorso, desatou a chorar com a cabeça entalada entre os joelhos enquanto os carreiros cruzavam as estradas longínquas pondo na monótona e inquebrantável tranquilidade meridiana toadas sentimentais de cantilenas.

[42] O crime foi atribuído aos ciganos – horda nômade que infestava o sertão saqueando os paióis e os currais, assaltando as cabanas e até roubando crianças para malefícios, como diziam os caboclos.

Ele mesmo retirou o corpo d'água, não sem tremer ao dar com os olhos da fratura do crânio da velha, muito aberta, de onde escorria uma pasta mole, brancacenta, com estrias de sangue. Enterrou-a junto do pântano, floriu o túmulo à maneira indígena e fincou com as suas próprias mãos a triste cruz da saudade. Mas nunca! nunca mais pôde esquecer o gesto da morta que lhe ficou na lembrança sempre, como uma praga vingadora que ela não pudera soltar porque a água verde enchera logo a sua boca raivosa. E nunca conseguiu saber que vingança a velha negra pedira aos céus e a Deus naquele gesto hirto, exalando, ao coaxar dos sapos verdes, com a boca nas raízes das ervas podres, a sua alma supliciada pela maternidade e pela escravidão.

VI

[43] Com essa recordação trágica, revolvendo na alma todo o seu passado sombrio, Raimundo não conseguia aquietar-se. Irritaram-se-lhe os nervos, encheu-se-lhe o coração de sobressaltos. Parecia-lhe que de todos os lados bocas invisíveis soltavam gemidos abafados e que as sombras das roupas que pendiam das cordas, movendo-se nos muros, cresciam desmesuradamente, aproximando-se com o silêncio, com a leveza sutil das coisas fantásticas. Os olhos do enfermo não se podiam arredar da porta, fitos, secos, fuzilantes, magnetizados pelo

terror. O coração precipitava os movimentos e os membros, em frouxidão de covardia, lassos, estirados, pareciam presos nos liames de anquilose súbita.

Um ímpeto de força nervosa fê-lo sentar-se. Correu a vista atônita, apavorada, por todo o [44] recinto, com anseios de asfixia, apoiado às mãos, tremendo como se o agitasse um fluido; outro impulso atirou-o ao leito com a brutalidade de um empurrão violento.

Subitamente escureceu. A vela extinguiu-se de súbito e, por todos as frinchas do teto, pelos interstícios do sapê, pelas aberturas da taipa dos muros entraram raios e nimbos da lua da meia-noite. A alma clara do silêncio invadira o aposento estriando a treva de palores, tornando-a mais lúgubre com a sua tatuagem diáfana. A calma pairava; os próprios grilos domésticos, surpreendidos pela invasão tenebrosa e pela visita triste do luar, calaram-se. O enfermo sentiu-se mais isolado ainda.

As visões começaram a surgir como se lhe subissem do coração em tumulto, precipitando-se, atropelando-se em revolteio satânico. Eram lumes errantes que flamejavam no escuro, fulvos, vivos como pirilampos: abriam-se em halos, retraíam-se e desapareciam repentinamente. Eram manchas, mais negras do que a própria treva, voando como enormes vampiros de um para outro ponto, alongando as asas bífidas e, de momento a momento, em trilo crebro, um grilo cantava. No ar espesso havia frêmitos de voos. Incerto e trêmulo, vacilando como ébrio, Raimundo ergueu-se do leito, descalço, arrepiado; abriu os braços e, às apalpadelas, cego no horror da sombra, foi experimentar a porta, ver se estava bem fechada, assaltado pela ideia de uma visita de bruxas.

De pé no meio do quarto, seminu, arrastando o lençol branco, tiritava gelado, suando frio como se estivesse sobre um campo de neve fustigado por [45] um vento glacial. Sentia estranha sensação de abandono. O terror crispava-o e interiormente, como se o seu espírito tremesse, corriam, coriscavam frêmitos de assombro.

Colou o ouvido à porta arfando e percebeu distintamente a ânsia de um soluço – talvez o vento soprando ao longe nos penachos dos bambus, talvez a água do rio rolando estuosa por entre as penhas. Deteve-se contido, sem pestanejar sequer, vergado, de mãos nos joelhos, a cabeça encostada à porta como auscultando a palpitação da noite e ouviu o estrépito rápido e ríspido da tritura de maxilas, dentes secos trepidando em estralada infrene.

Empinou-se abrupto; a boca escancarada em hiato, o olhar gázeo e turvo, apalpando o escuro, titubeante e trôpego. Quis recuar, mas estranho poder soldou-o ao posto horrível. Transido de pavor, foi involuntariamente derreando o busto e, de novo, encostou o ouvido à porta. O rilhar dos dentes aumentava, mandíbulas matraqueavam e, vez em vez, a madeira ringia,

estalava à pressão dos dentes que a trincavam. E, enchendo o silêncio, o áspero roque-roque espectral crescia assombroso e terrível.

Foi tão violento o pavor que o negro abateu pesadamente, rolando sobre um monte de panos úmidos que atulhavam um canto do quarto e, agachado, com o rosto em terra, pôs-se a espiar pela aberta da soleira da porta, tentando descobrir o vulto do duende que errava pelos campos com tamanho estridor.

Nada viu; mas de um salto, arrastando todos [46] os trapos que encontrou ao alcance dos dedos crispados, pôs-se a calafetar as fendas, abafando a luz para que também o lêmure não conseguisse passagem. Mas o ruído crescia forte, estrupidamente, célere, igual ao que seus dentes faziam, na convulsão da febre que voltara.

Fortificado, esperou, de cócoras, com as duas mãos à porta, opondo resistência aos empurrões da ossada perseguidora. Debalde porém: seus pulsos enfraqueciam, o suor pingava em grossas gotas perenes, faltava-lhe o ar, os joelhos curvavam-se-lhe estendidos, em gesto duro de repulsa, a boca escancarada, os olhos paralisados, caiu de costas, soltando, num suspiro estremecido, o nome da assassinada: “Mãe Dina!”

Foi como um apelo. A porta frágil estalou: mais forte rangeram os dentes, seguidos de um estrealhar de ossada tripudiante. Raimundo ergue-se medroso e feroz; encostou-se à porta, firmando-se nas pernas retesadas, os cotovelos fincados resistentemente. Tudo era em vão: a madeira fendia-se quase sem bulha, como desfazendo-se – foi caindo aos poucos, tábuas por tábuas, roída pelos dentes que batiam sempre até que nada mais houve e o céu e o campo, iluminados opalicamente, ficaram defronte adormecidos em sono tranquilo, ao luar.

À claridade fria da grande lua, Raimundo viu, emoldurada pela porta, coberta de algas e de gias coaxantes, a boca gotejando a água podre do pântano, toda enroscada de ervas, o crânio fendido, a tirar lentamente, com os ossos dos dedos, [47] partículas de miolos roxos e rãs pequeninas, verdes, de olhos fosforescentes, Mãe Dina, a morta, com um braço erguido, hirto, os dedos apartados em gesto terrível de ameaça. Um grito formidável atroou a noite serena. A aparição quieta, sempre a esmigalhar miolos na ossaria amarela dos dedos, acendia, de vez em quando, nas órbitas escuras, o fulgor de dois fogos fátuos. De momento a momento os dentes nus rangiam e os sapos que a cercavam, como se ela fosse a deusa lutulenta dos paúes, coaxavam arrastando-se pela terra ou aos saltos, com um bater oco dos ventres, em torno dos ossos dos seus tábidos pés.

Raimundo, ao fundo do quarto, agitado por tremuras, caído de encontro ao muro, procurava pela parede o seu facão de mato ou o seu forte cajado de ponta de lança, mas a sua

mão incerta apenas encontrava os farrapos pendentes. Os sapos, aos pulos, invadiam o interior, espalhando num fosforejar túbio de chama tumbal. Raimundo sentia já pelos seus pés arrastarem-se as gias viscosas, outras, esparrimadas, fitavam-no com os bugalhos dos olhos. Ergueu a cabeça com a ânsia e no céu grande, calmo, bordado de astros como um mapa suspenso dos mundos luminosos, estrelas deformavam-se esverdeando-se e, de repente, saltando de um para outro ponto, chatas, repugnantes, semelhando rãs, espalharam pela tranquila noite luminosa um sidéreo coxo soturno.

A avenesma aliciara todos os elementos da noite para um apocalipse de morte. Os astros puros concorriam, todo o céu cedera o seu contingente fulcite para o sabá. As estrelas descreviam [48] parábolas terríveis cortando a sombra de sulcos lampejantes; nuvens de formas bizarras, pandas, varriam o espaço como uma rolda de bruxas, precedidas por um cúmulo tetérrimo, do feitio de um barco, de onde saltavam estrelas coaxando. O próprio vento que, a princípio, amainara, soprava com estrupido derreando os ramos e dando vozes a toda a vegetação sombria que ululuva pavorosamente. Raimundo, terrificado, encantou-se, mas as suas mãos não cessavam de arranhar a parede; bambaleava-se com urros surdos.

Estremeceu. Na sombra tinira um ferro... Subitamente, num salto de tigre, achou-se no meio do quarto firme, rilhando os dentes, empunhando o grande e largo facão de mato. O olhar imóvel desafiava o esqueleto impassível e o braço armado agitava-se nervosamente fazendo reluzir a lâmina afiada.

Mãe Dina adiantou-se com um ebocalhar de ossada. Ao passar do vento os panos que lhe cobriam os ossos espadanavam e, às rajadas mais violentas, voavam farrapos negros para a noite. O assombro guardava um resto de pudor: com os dedos ajustava os trapos, encolhendo-se bem para que os olhos do filho não vissem a nudez do arcabouço, mas tinha de abandonar os panos para alimpar o crânio das pastas de miolos que escorriam da fratura hiante.

Outro passo da morta: acharam-se frente a frente. Raimundo não hesitou: de um salto, o braço erguido, caiu d'ímpeto sobre a ossada e, com rugidos ferozes, os beiços brancos de espuma, cravou-lhe repetidas vezes o facão no peito aberto, [49] arrepiando-se, recuando quando a lama rangia nas costelas terrosas.

Mãe Dina defendia-se ameaçando-o com as mandíbulas que tatalavam macabramente e, de uma vez, conseguindo apanhar-lhe o pulso, cravou-lhe os dentes com fúria, retalhando os músculos.

Raimundo soltou um grito abafado e, de um pulo, ganhou a claridade, baixou os olhos para examinar a ferida e, à luz da lua, descobriu, com horror, na chaga gotejantes, um refoveado de vermes moles.

Repugnância a princípio, nojo depois, asco e, em crescendo rápido – o pavor. Arrepiava-se vendo multiplicarem-se, fervilhando, como em chaga de gado, as varejeiras da Morte. Sacudia-as com movimentos trêmulos e precipitados, umas caíam, outras vinhas em rósea, a pino, coleando, moles, lisas, úmidas, borbulhando do laivo em sangue como lesmas saindo de uma fenda.

Seu rosto transfigurado contraiu-se em rictus disforme e foi a mais e mais até à convulsão de toda a fisionomia: enrijou-se, trincando os dentes, a cabeça quase enterrada no tronco, numa deformidade de múmia. Olhava idiota, desvairado, com um solavanco de todo o peito. De repente rompeu a chorar sem lágrimas, soluços, soluços secos e caiu de joelhos, ficou depois de gatinhas como um batráquio, firmou-se, quis erguer-se, mas rolou de flanco em estúpida inércia, rosnando: “Minha mãe! Minha mãe!”

Uma ideia gerou-se-lhe no espírito: “Mãe Dina queria-o para o túmulo, queria-o para o seu canto de terra, junto do pântano verde. Enterrado [50] vivo!” E como se a cova se fosse, aos poucos, fechando sobre o seu corpo, sentia a longa e pesada dispneia das asfixias e nem ar para fazer um grito! nem ar para dar vida a uma palavra de misericórdia!

O terror reanimou-o. A traiçoeira perfídia sugeriu-lhe um meio de defesa violento e forte; era o derradeiro esforço que ia tentar. Moveu-se e foi, quase de rojo, caminhando de pés e mãos como os símios, lento, lento, até junto do esqueleto. Estacou mirando-o; ergueu-se de improviso, abraçou-se com a ossada, apertou-a, apertou-a como se a quisesse esmigalhar, sem sentir a cisura dos ossos que se lhe enterravam pelas carnes do peito, rasgando-o, furando-o como punhais agudos.

As forças abandonaram-no – ainda assim pôde sustentar a luta algum tempo, alentado pelo terror, com a bravura do desespero. Quando deu por si estava fora, entre as árvores, longe alguns passos da cabana, em meio do planalto. Quis recuar, mas o esqueleto, que lhe enterrava os ossos no corpo, não se desprendia. A dor do ferimento arrancava-lhe rugidos e a ossada impassível, com os dentes podres quase colados à sua boca, com os braços passados pelo seu pescoço, retinha-o, atraía-o.

Num assomo levantou os olhos para o céu, chamando em seu socorro Nosso Senhor Jesus. Curvou-se como para ajoelhar-se, mas não pôde, vencido pela desesperança, abalado, quis enternecer o espectro com palavras meigas e implorações piedosas, mas o esqueleto, longe de perdoar, irritou-se cravando-lhe os dedos acúleos na garganta. Alucinado, então, deitou a correr

pela vertente abaixo, [51] nu, crispado, indômito, com uma velocidade de energúmeno, arrastando a ossada tranco a tranco pelas pedras.

Debalde escancelava a boca para gritar – o crânio inclinava-se e o seu grito era sufocado pela pressão das maxilas cheias de vermes.

Corria, corria sempre, saltando vales, metendo-se pelos coivaraís onde era mais espessa a treva, subindo escarpas com agilidade prodigiosa. Às vezes a terra mole e fofa das rampas fugia-lhe sob os pés em roldões, entretanto as suas pernas rígidas não estremeciam, não vergava sequer e ele seguia por diante atolando os pés, jogando os braços em fuga ansiada, arrastando, como uma grilheta, o esqueleto trágico.

VII

[52] As senzalas dormiam. Pairava um calmo silêncio. Por vezes, as lufadas do vento traziam uma passageira zoada e fugiam levando por diante o rumor florestal. Num recôncavo, entre rochas, morria um fogo triste.

Raimundo, acossado pelo assombro, atravessava os caminhos sem dar por eles, como se os não conhecesse, tão atordoado tinha o espírito. Seguia, sempre a fugir, sem pausa, ofegando, e assim foi que se achou em meio do pasto raso, na extensa várzea seca onde os prófugos rebanhos desfilavam e tresmalhados corriam ao sol com um alto e dorido balar de ovelhas, respondido, de tempo a tempo, pela possantes dos touros, que de além, de outro pasto, longamente mugiam. Àquela hora, porém, a campina deserta não reboava com o tumulto do [53] tropel das patas – era vastidão e soledade, apenas os grilos cantavam na erva e o acauã tristonho, oculto entre os cajueiros, de espaço a espaço, gemia.

Raimundo ganhara a planície e fugia aos galões como um garrano batido, sem destino, arquejante e frouxo. De repente, porém, ante seus olhos uma sombra partiu de arremesso, mas sem grande alcance, porque no mesmo instante quase surdo relincho quebrou o sossego do escampo e a terra ecoou com o patear insofrido de um animal que se debatia, emaranhando num capão de mato, perto de um tijucal que reluzia à lua. Era um potro.

Espantado, partiu aos trancos, pinoteando, aos coices, volteando assustado. Raimundo, que recuara espavorido, reconhecendo o animal, adiantou-se e ficou à distância vendo-o debater-se, procurando, a violentos safanões, rebentar a corda que o prendia a um toro que mal saía à flor da terra. Deixou-o correr, de repente, porém, tomado de uma ideia estranha, pôs-se à espreita, em atitude de assalto, e mal ouviu estacar, de jarretes rijos, cabeça alta, ventas dilatadas,

farejando desconfiado o ar da noite, arrojou-se-lhe à frente num salto intrépido, lançou-se as mãos às crinas e, de um só golpe do facão, corou a embira tesa, saltou para o dorso, escarranchou-se cravando os calcanhares no ventre do animal, que volteou nas patas traseiras empinando-se, a brandir as mãos em equilíbrio, mas o cavaleiro, peão dos bravos, o melhor, talvez, de toda a cercania, firmou-se sobre o pelo liso e escorreito do bicho, domando-o à força de o repuxar pelas crinas e de lhe torcer as orelhas.

[54] O animal abateu sobre as patas, recuou até tocar a terra com a anca e partiu num arrojado feroz para corcovear de novo, ora de flanco, ora aos galões, relinchando surdamente até que, vencido e incitado pelos gritos selvagens do cavaleiro, estirou o pescoço rijo e arrancou em velocíssima desfilada através do campo alvo e deserto, varando o ar que silvava aos ouvidos de Raimundo com uma zoeira ríspida. E tanto quanto os rijos músculos podiam, o animal distendia-os na vertiginosa corrida – rente da terra, quase roçando com o ventre pelas rasteiras sensitivas do campo que esmoreciam.

O negro, na fúria de açular o potro, esquecerá o horror da companhia. Levava o medo dentro da alma, mas a esperança dos transe aflitivos dizia-lhe que da sua fuga dependia a salvação do seu corpo e nem quis voltar o rosto para evitar que os olhos encontrassem de novo a caveira sinistra, mas a um salto impetuoso do animal o ruído estrupidante da ossada fê-lo involuntariamente volver o olhar e viu, em toda a sua hediondez, o trasgo pavoroso à garupa, batendo as maxilas, com as órbitas alumiadas por um fogo cérulo que mingua e refulgia como o lume dos pirilampos na escuridão das noites sem estrelas.

“Êpa! êpa!” bradou deitando-se a fio comprido e gritado quase ao ouvido do animal: “Êpa! Êpa!”. E atrás, na anca, estalidava a ossaria implacável.

O campo ficara longe e já começava a mata com seus altos jequitibás e todo o versado arvoredo. O caminho apertava-se multiplicando-se em carreiros, veredas, azinhagas tortuosas, trilhos de **[55]** mocambeiros, picadas estreitas seguindo para diferentes pontos da grande e espessa floresta virgem de além rio, na orla da serra.

Um ou outro raio de lua, atravessando as frondes, caía em língua oblíqua sobre o solo todo juncado de folhas secas onde os passos estalavam e lá pelo interior, no recesso silvestre, não longe, andavam aos pares bestas bravias no idílio que, segundo é crença, fazem todas, principalmente as suçaranas carniceiras nos tempos dos claros luares, que é tempo do amor e da volúpia entre as feras.

Raimundo torceu o rumo ao animal e guiou-o para a planície, caminho das habitações e excitando-o: “Êpa! Êpa!” brandia o facão diante dos seus olhos rútilos, saltados, fazendo faiscar a lâmina.

O potro arquejava, ainda assim ganhou, em pouco, grande distância através dos ásperos e rudes desvãos da campina plana e parda, fofa e movediça, um cineral por onde passara a chama devastadora das queimadas, deixando apenas, aqui e ali, espetado no solo, um toro curto, adusto, meio carbonizado e centenas de árvores tombadas no chão torrado, negras, frias, prostradas – uma só, alta e forte, tostada e nua, subsistia de pé, esgalhada, sinistramente negra como o espectro hirto da extinta floresta verde, velando melancolicamente na desolada soledade da necrópole de troncos.

O potro, exausto, cedia pouco a pouco ao desfalecimento. As pernas fortes, os duros jarretes de estalão criado nos campos largos, bambeavam, tremiam, frouxos. Caíra em galope, aos arrancos, com [56] um surdo arquejo que lhe subia rouco do largo peito gotejante. De vez em quando as suas patas tropeçavam em saliências de raízes, e por pouco não arriava sobre a areia, mas o cavaleiro repuxava-lhe as crinas, torcia-as, gritando-lhe em repetido gorgorejo rouco: “ahô! ahô!” Entrava a trotar lerdo, aos zigue-zagues, sacudido de tremores, escorrendo em suor, a boca aberta, babando espuma, as narinas, dilatadas, palpitante, suflando sôfregas.

Raimundo, compreendendo que era mister correr, correr sempre até que o sol nascesse, pôs-se a bramar com um possesso, mas debalde: o animal, estafado da corrida louca por planos e barrancos, pelas areias fofas dos leitos dos rios secos, pelos pedregais e pelo tijuco peganhento das ipueiras, não resistia mais – ia às tontas, abalando a cabeça, com regougos, a passo incerto e trêmulo, cansado.

Foi então que o negro, desesperado, sentindo-se ainda presa do horrendo pesadelo, vibrou o facão e cravou-lho na anca. Triniu um relincho dorido e o cavalo, em quatro pulos altos, agitando nervosamente a cabeça, rolando os olhos, enveredou por um caminho de silvas, sob uma abóbada de ramos, atravessou-o em desfilada com um farfalhar de folhas e de galhos que vergavam e ganhou o campo, as terras cultivadas, perto do casario do sítio.

Súbito estacou. Tremia todo: a cabeça, ora alta, ora baixa não parava, em movimento aflito. Grossa baba escorria-lhe do focinho. Um joelho dobrou-se logo retesando, hirto: deu dois passos tardos e lentos, parou e foi curvando as pernas [57] dianteiras, agachando-se, a tremer, com o focinho quase a tocar a terra, aos bufos.

Raimundo estugou-o com ambos os calcanhares, abriu-lhe nova ferida na anca: o sangue jorrou aos borbotões. O animal soltou um relincho fraco, agitou-se em derradeiro esforço, mas

não conseguiu senão arrastar-se – bateu com o peito em terra duas vezes e, por fim, esticando o pescoço com ansiado regougo, rolou de flanco, com o olhar vítreo voltado para o céu. Abriu duas vezes a boca, agitando a cabeça e abateu. Entrou a estrebuchar, foram-se-lhe enrijando os membros em anquilose súbita. Soergueu um pouco a cabeça, um jato de espuma embranqueceu-lhe os beiços, um frêmito percorreu-o todo até a cauda, por fim a cabeça tombou.

Raimundo, que saltara logo aos primeiros tropeços do animal moribundo, mirou-o indiferente. A súbitas voltou-se em giro brusco, bracejando como para enxotar uma perseguição, meio tonto, desequilibrado e caiu de costas. Os olhos abriram-se-lhe diante do céu de leve azul macio e fresco, carminado para as bandas da serra em nesgas sanguíneas. E sorriu não vendo mais o esqueleto que a madrugada enxotara para o túmulo.

Estrelas murchavam como flores e a lua pálida esmaecia, quase confundida com o céu, que parecia meio embaciado por uma névoa tênue como a pulverização do orvalho.

A paisagem esclarecia-se, toda verde, menos para as bandas da serra, que era de um azul forte, onde se destacavam os pingos amarelos das flores das piuveiras e as folhas claras das embaúbas.

[58] O rio era como uma larga, extensa estrada de cristal por entre cajueiros, tão serenas corriam as águas, de límpida beleza, que toda a orla de árvores nelas se revia e reproduzia sem o friso mais leve. Garças alvíssimas partiam em bandos com rumor de asas claras e subiam em demanda dos ares, como uma leva de pequeninos anjos. Dos colmados evolava-se por diversos pontos um fumo tênue e alto, no espaço, urubus circulavam.

Raimundo sentia-se num bem estar de convalescença. Sentou-se com as mãos nas pernas, os olhos ao longe, pensativamente. O sol subia maravilhoso, com esplendor de triunfo e o negro, como se nunca tivesse visto uma madrugada, olhava extasiado.

Dos louros milhos voavam, chalrando, nuvens de periquitos e os rinchos agudíssimos dos carros que partiam juntavam ao rumorejo matinal a nota dos seus eixos. O céu para o ocidente, meio encardido pela bruma, ia aos poucos tomando o seu azul fulgurante, sem o menor laivo de nuvem. Não longe, em estreito caminho margeado de mimosas, estrada de Santa Cruz chamado, bifurcando-se: para a esquerda, rumo da vila, rumo da serra para a direita, levantou-se um rumor tumultuário. A espaços um berro de touro reboava. Em pouco foi um tropel de cascos batendo o solo seco a trote, em bolo. Bois apertados corriam chocando os chifres, aos pinotes, uns por baixo, outros pelos socalcos das rampas, ao galões, picados pela vara dos campeiros.

Raimundo abriu um sorriso idiota, ergueu-se e olhou; a boiada passava a uns cem passos. Dentre [59] o estrupido do gado partiu uma voz esganiçada, em falsete agudo, cantando com indolente e demorada música:

Serra, serra, serrador
Não descansa de serrar...

Vozes gemeram em coro:

Serra, serra, serrador
Não descansa de serrar...

E um grito: – “oooh!” ecoou longamente pelas quebradas úmidas. Raimundo fez alguns passos trôpego, a olhar sempre para os capoeirões ondulantes por onde passava a tropa e, recordando os seus dias de vaquejada, desferiu a cantiga do seu rancho:

Na rampa da encruzilhada
Chora e geme a jassanã,
Eu hei de chorar como ela
Se não te ver amanhã.

E parou. Novo espasmo agitou-o em calafrio violento, ainda assim arrepiado, trêmulo e bambo, repetiu a cantiga:

Na rampa da encruzilhada...

E pôs-se a andar em passo de ébrio, cambaleando, ora aos arrancos arrebatados como se o empurrassem, ora moroso, de cabeça baixa. Parecia cego: ia de encontro às árvores, metia-se pelos [60] alagadiços, chafurdando, indiferente, tranquilo, cantando sempre a mesma quadra triste.

De repente estacou brandindo o largo facão ao sol da madrugada. Circulou um olhar vago e atemorizado: estava à borda de uma rampa íngreme, em baixo um pântano verde alumiava, para o longe estendiam-se as taboas verdes empenachadas.

À margem solitária e já coberta de erva miúda, uma cruz negra velava – dos braços pendiam-lhe corimbo de florinhas brancas como se o lenho fúnebre, cravado na terra úmida, tivesse revivido para nova florescência.

O assombrado ajoelhou-se, baixou a cabeça até encostar a base do queixo na terra e, assim de bruços, com o olhar fulvo, imóvel como o de um tigre acuado, ficou a mirar o pequeno símbolo religioso que santificava o ermo.

Era ali o túmulo de mãe Dina; ali havia mergulhado o espectro. De repente um bloco de terra desprende-se e rola pela ravina esfarinhando-se. O terreno frouxo, minado pelas formigas, cortado de antigos sulcos de enxurradas, esboroava-se. O negro teve então uma ideia sinistra pra livra-se da morta por todo o sempre: ajoelhou-se e, agarrando a faca a mãos ambas, pôs-se a cravá-la na terra, cavando e empurrando os torrões pela rampa, seguindo-os com o olhar ardente. Quase toda a terra ia parar ao pântano profundo e o negro, a mais e mais enfurecido, escavava, escavava, como se quisesse aluir a ribanceira imensa sobre a pequenina cruz florida de madressilvas. Mas na agitação delirante esquecia o perigo e, como procurasse desprender um bloco, brandiu um golpe em falso e rolou, [61] com a terra, de roldão, em rebolo, mergulhando no pântano coalhado de ervas.

A água vede esparrimou e fechou-se, círculos distenderam-se, vieram à tona borbulhas.

No azul o sol vencia o seu curso triunfal. Vinham chegando tropas sertanejas e pela estrada de Santa Cruz, fulgida e lisa, ao trote das alimárias carregadas, um doce vilancico, quase elegíaco, de tão lânguido e tão triste, acordava o silêncio:

A saudade traz mais penas
Pra dentro do coração,
Do que traz penas no corpo
A garça de arribação.